

BASTIÕES: NARRAÇÃO E MEMÓRIA

(BASTIÕES: NARRATION AND MEMORY¹)

ANALÚCIA SULINA BEZERRA²

RESUMO

O texto discute algumas idéias acerca da memória de fundação da comunidade negra Bastiões, localizada no interior do Ceará, dando proeminência às representações elaboradas em torno dos espaços evocados na narrativa de origem do grupo. Representações que sugerem o entendimento do **território**, comportando uma dimensão simbólica em que são trazidas à tona as imagens das lembranças da posse originária, cujo feito é realizado por duas mulheres negras fugidas da Bahia. E uma dimensão mais da ordem das relações de poder, uma vez que atribuir sentido ao espaço que ocupam, significa situar os sujeitos na organização social.

Palavras-chave: Território; narração; memória.

ABSTRACT

The work discusses some ideas concerning the foundation history of the black community known as Bastiões located in the hinterland of the State of Ceara, highlighting the representative roles created around a delineated area that is mentioned the group origin narrative. These representations suggest an interpretation of the concept of **territory** that includes a symbolic dimension that brings to the surface images from recollections of the early possession of the land when it was carried out by two negro women who escaped their persecutors in the State of Bahia. That concept of territory includes also a dimension more to the order of power relations, for to designate a meaning to the space that they occupy is to allocate subjects within the social organization.

Keyword: Territory, narration, memory.

INTRODUÇÃO

Procurarei destacar algumas idéias acerca da memória de fundação da **comunidade negra** e sobre as significações elaboradas em torno dos espaços evocados na narrativa, que retoma a saga dos primeiros ascendentes da parentela negra. Isto sugere a compreensão do **território**, comportando uma dimensão simbólica em que são trazidas à tona as imagens das lembranças da posse originária, cujo feito é realizado por duas mulheres negras fugidas da Bahia. Trata-se de uma dimensão mais da ordem das relações de poder, uma vez que atribuir sentidos ao espaço que ocupam significa situar os sujeitos na organização social. Ao fazer essa proposta, procuro destacar um narrador *par excellence*, Manoel Assis, 88 anos, focando aspectos de sua vida, no que se mesclam à narrativa de origem do grupo negro ao qual pertence.

Baseando-me nas informações fornecidas pelos moradores de Bastiões, estou definindo um grupo de quatro famílias – Tomé, Rafael, Jacob e Assis – como comunidade negra, pertencente ao Município de Iracema, localizado a sudeste do Estado do Ceará, e em parte fazendo uso dos critérios propostos nas pesquisa sobre “Remanescentes de Quilombos”, notadamente aqueles expostos por Odywer, em **Terras de Quilombo** (1988). Mas é importante destacar que em muito a organização desse grupo se difere das populações negras estudadas pela Antropologia e outras ciências, dando destaque à reivindicação de direitos historicamente negados pela sociedade brasileira e mantendo na representação que fazem de si um vínculo com o paradigma da escravidão. Quero dizer com isso que a representação que estas famílias fazem de si não comporta um liame com a escravidão, embora enfatizem que a fuga realizada pelas mulheres fundadoras tenha acontecido “no tempo de Dom Pedro I”.

¹ Pesquisa Financiada pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos

² Mestranda em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mas, considerando-se que para definir etnicamente um grupo é importante atentar para a crença na origem comum (Weber, 1994; Barth, 1976), retomo o mito de fundação da comunidade expresso nas narrativas, assentando-me na perspectiva de Mircea Eliade, entendendo que “um mito narra os acontecimentos que se sucederam *in principio*, ou seja, “no começo”, em um instante primordial...³” Portanto, o acontecimento primeiro, aqui recortado, dá conta da persistência de esses sujeitos existirem como diferentes de outras populações seja daquelas coabitantes do mesmo espaço ou daquelas do seu entorno social mais distante. Assim, posso inferir que na atualidade a fronteira de pertença ao grupo negro se delimita muito mais pelo domínio das lembranças do passado, especialmente da narrativa de origem e muito menos pelo fenótipo e elementos culturais fixos.

A ORDEM SOCIAL E A PERTENÇA

Importa notar que, nos vários diálogos estabelecidos com os mais jovens, observei por parte de alguns o não conhecimento das histórias contadas pelos mais velhos. Na verdade, muitos as desconhecem, como afirmou Maria Zilmar em entrevista realizada em 1999. O que permanece geralmente é uma vinculação às tradições religiosas e ao próprio modo de vida. Ou seja, não se percebe descontinuidade ao operacionalizarem as práticas de vida, sobretudo no tocante à produção material. Na perspectiva de Connerton (1993), isso constitui um problema da ordem da manutenção e da permanência das estruturas, uma vez que apresenta as experiências do presente dependentes dos conhecimentos que se têm do passado. Ademais, ainda consoante este autor, “as imagens do passado servem normalmente para legitimar a ordem social presente”⁴.

Para Connerton, as ortodoxias dedicadas ao estudo das estruturas sociais não têm percebido que existe nestas algo de inércia não explicada adequadamente. Estruturas à parte, nesse caso especificamente, é meu interesse indicar que não necessariamente as imagens do passado servem para dar legitimidade a uma ordem social presente, pois que podem servir justamente para questionar essa mesma ordem, como ocorre no contexto em que são elaboradas as recordações dos sujeitos a que tenho dedicado maior atenção. É crível a insistência dos

narradores do grupo para evocar as imagens do passado, mas muito mais pelo interesse em vincular-se a ele para marcar a sua pertença social de origem, do que para legitimar a perda do controle da terra promovida por eles próprios⁵. A partir da década de 70, com a morte de Raimundo Assis, seu único herdeiro direto vendeu a terra, partindo em seguida de Bastiões. Assim começou um processo de venda de terra dos demais descendentes das famílias originárias. As famílias negras retomam “o acontecimento criador” para lembrar que a história começou com elas e de forma diferente daquela observada no presente, quando poucos dispõem de um diminuto terreno para o plantio. Portanto, a pertença inscrever-se-ia mais nos valores simbólicos e menos nos valores materiais, e a fronteira demarcadora do “nós” e os “outros” assentarse-ia mais nas interpretações que fazem do espaço habitado por longas datas do que pela fixação de práticas de caráter estrutural.

No que segue, a pretensão aqui não é romper com os critérios definidores dos grupos étnicos. Muito pelo contrário, é pensar que outros elementos podem contribuir para analisar a especificidade desses grupos em relação a uma massa de outros sujeitos que apresentam modos de vida semelhantes aos daqueles. Tampouco estou querendo destacar elementos culturais para tratar dessa especificidade. Observar como se organizam socialmente parece ser a chave para se perceber as populações calcadas sobre diferença étnica, mas penso em aspectos outros, como as interpretações e conhecimentos narrados acerca do seu modo de ser e existir como comunidade negra. E isso inclui o entendimento elaborado sobre a terra herdada das mulheres negras e a pertença a uma coletividade por meio da lembrança do evento fundador primevo que envolve: a troca da terra, a vinda das mulheres negras da Bahia e rememoração nas manifestações religiosas, particularmente nas festas.

Poder-se-ia dizer que a existência de algum grau de continuidade e permanência são perceptíveis nas manifestações religiosas quando os membros do grupo negro rezam os terços e as ladainhas em latim e quando realizam o ritual comemorativo de um determinado santo, na medida em que o rito é elemento importante na atualização do mito. Pensando nisso, e de acordo com Connerton (1993), a memória social⁶ existe e é provável que a encontremos nas ceri-

³ ELIADE, Mircea. “Mitos Indianos do Tempo e da Eternidade”. In. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁴ CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

⁵ Este aspecto foi melhor descrito na primeira parte do relatório, enviado ao CEAA em julho de 1999.

⁶ O emprego de memória social é no sentido do grupo tal como Halbwachs pensou na memória do trabalho e enquanto a memória coletiva remete à reificação do coletivo tal como pode ser percebido em Durkheim. O coletivo compreenderia sistemas de crenças, mitos, valores e concepções. Desta forma, Durkheim reúne no conceito de representações coletivas toda uma gama ampla e heterogênea de formas de conhecimento, contribuindo para sua impressão conceitual.

mônias comemorativas, na medida em que são *performativas*, porque supõem “*habitus*” e “*expressões corporais*”⁷. Toma-se aqui *cerimônias*, no seu sentido mais amplo, incluindo desde datas históricas às celebrações religiosas, como festas de padroeiros. Por isso, destaco algumas festas realizadas pelo grupo, como a de São Sebastião, em 20 de janeiro, e a festa de Nossa Senhora do Carmo, em 16 de julho, por serem destacadas nas narrações, e pelo que pude aferir durante a pesquisa, por serem dinamizadoras da cultura via fortalecimentos dos laços comunitários. As festas, os rituais religiosos, não marcam apenas “um momento de maior força na comunidade” como são responsáveis pela “expressão da alteridade e da luta pelos valores intrínsecos à comunidade”⁸, uma vez que:

Valorizar o passado é recriá-lo no presente é o modo de sustentar sua identidade. As festas são o momento máximo dessa valorização, quando as diferentes culturas, superpostas, levam os moradores a ter orgulho do que são, numa opção de natureza política. (...) Elas [as festas] são um dos modos de expressão da alteridade e da luta pela valorização da cultura, reforçando valores internos e reafirmando-os para os de fora. Viver as tradições reinventadas, realizar as festas de santos de devoção, conhecer as histórias contadas pelos velhos, dançar e cantar as músicas tradicionais, mesmo quando são introduzidos novos elementos, são traços comuns às comunidades negras (MOURA, 1996:79).

As festas comemorativas dos santos rompem o cotidiano do grupo, pois passam a ser a atividade central durante nove dias. Ainda que a vida não deixe de seguir seu curso, parecem injetar na realidade uma dose de desordem, reordenando-a posteriormente, tendo, para isso, a capacidade de revitalizar a memória das tradições através do desenvolvimento do ritual. Elas são também momento para realimentar a vida em sociedade por meio das redes de sociabilidades refeitas em torno dos casamentos e batizados realizados. Significa dizer que, por meio do batismo e casamentos, afirmam práticas sedimentadas no grupo, como as relações de compadrio e a vinculação de parentesco entre as famílias, respectivamente.

Elementos Formadores da Memória

Em relação ao caráter dos eventos narrados, o que está em jogo na memória como elementos constitutivos são os acontecimentos vividos pessoalmente (POLLAK, 1992:201). Tal fato me faz dar destaque às vivências de Manoel Assis, sobretudo porque os sucessos pessoais narrados encontram na história de outros sujeitos uma ressonância, principalmente as experiências da seca, da migração, por exemplo, foram também marcantes na vida de outros membros do grupo. Ao tratar dessas lembranças, penso estar dando importância a uma história pessoal que se interpenetra na histórias de muitos outros, o que se constitui em “marcos relativamente invariáveis”, como sugere Pollak, na narrativa histórica dos sujeitos em questão, ou seja, a população negra, especialmente as famílias Assis, Jacob, Tomé e Rafael, residentes em Bastiões.

Por outro lado, os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, aqueles experimentados pelo grupo são também constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva. Consoante Pollak, desses acontecimentos nem sempre a pessoa participou, “mas no imaginário tomaram tamanho relevo que, no fim de contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. É provável que ainda a esses “acontecimentos vividos por tabela” venham se juntar eventos que não estão presentes no espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo⁹. Trato aqui como eventos vividos por tabela a saga dos primeiros protagonistas do grupo, narrada pelos sujeitos referidos há pouco, que encontram identificação e dizem deles descender. Destarte, tomam para si como legado dos seus antepassados, ritualizado e revivido no presente, quando vinculam sua origem a eles. Na própria narrativa de fundação, observa-se também a referência constante a fatos que certamente foram incorporados e que poderiam fazer parte da “socialização histórica”, como sugere Pollak, (1992) através da projeção ou identificação com determinado passado.

Penso, sobretudo, na insistência de Manoel Assis em tratar do tempo, projetando-o à “Monarquia de Dom Pedro I”. Ou seja, identifica o “mito de fundação” do grupo com esse dado histórico, quiçá para dar mais legitimidade a sua narrativa, mas principalmente para situar o tempo em que foi adquirida a terra de Bastiões pelas ascendentes negras, lugar de onde jamais saíram as famílias negras por longas temporadas

⁷ Op. Cit. P. 5

⁸ MOURA, Glória. “a Força do Tambore: a festa nos quilombos contemporâneos”. In: **Negras Imagens**. São Paulo: Edusp, 1996.

⁹ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, 1992.

e sobre o qual empreendem uma significação, demarcando assim a quem de fato pertenceu essa terra-espaco e a quem é dado o poder de elaborar tal significação.

Os Fluxos da Memória e da Pertença

É interessante a vinculação entre memória e pertença estabelecida por Pollak (1992), a construção da primeira implicando necessariamente o engajamento do indivíduo ou de uma coletividade na outra, ou seja, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” (1992:204). Significa dizer que entram no jogo da identidade social elementos da memória que estabelecerão o grau de pertença. Além do mais, colocará em movimento toda uma teia de imagens em grande parte responsável pela unidade e permanência.

Sendo a identidade, ainda de acordo com Pollak, um fenômeno produzido em função dos outros, ela jamais poderia escapar às mudanças e/ou transformações. É, pois, no movimento de disputa da afirmação de uma identidade que os sujeitos selecionam as imagens do passado, reconstruindo-o. Portanto, a memória e a identidade são pleiteadas e, por essa razão, não devem ser entendidas como intrínsecas a um grupo ou a uma pessoa¹⁰, ou como algo incrustado nos sujeitos como marca fixa. A identidade e a memória recebem os fluxos do presente e elas estão em função do momento histórico atual em que vivem tais sujeitos.

Nos moradores de Bastiões, observo que a narrativa de origem do grupo tem muito de construção por parte dos narradores. O que interessa não é em que grau as histórias são verdadeiras ou falsas, mas em função de que elas são elaboradas deste modo e não de outro. Assim, é possível pensar com Daniel Bertaux¹¹, no seu dizer que os narradores fazem “rearranjo” de sua existência, ou mesmo reordenam às seqüências dos fatos vividos. As reconstruções são importantes e possuem “uma lógica interna de vida”, não devendo escapar à investigação e à análise, porquanto o que garante a permanência da atividade mnemônica, em alguns grupos sociais, é a existência de sujeitos que a fiem e a tecam enquanto escutam as histórias.

Encontra-se na memória de origem da “comunidade negra Bastiões” o fato de que duas mulheres negras, fugidas da Bahia, trocaram terra com antigos

moradores do lugar onde habitam até o presente muitos dos seus membros e que as pequenas parcelas de terra que possuem hoje foram herdadas dessas negras porque as famílias Assis, Jacob, Tomé e Rafael descendem delas. Além do mais, elas protagonizaram outros eventos, como a criação do culto a Nossa Senhora do Carmo, celebrada por estas famílias como forma de marcar a sua ascendência às duas mulheres negras.

Contudo, esta é apenas uma versão, narrada pelo mais velho da comunidade, Manoel Assis, 88 anos. Ele encontra autoridade para falar do passado do grupo, justamente por ter acumulado muitas experiências e por haver escutado os negros antigos a proferir as lembranças no passado, enquanto ele ia fiando a sua interpretação. Outra versão é a de Maria Zilmar, 56 anos. Ela conta as histórias do grupo recorrendo às lembranças de Zé Tomé, seu tio, e questionando muitos fatos lembrados por Manoel Assis, principalmente no tocante ao nome das mulheres. Afirma ela que os nomes das mulheres eram Maria Bribiana e Feliciano. Já para Manoel Assis, a mulher da qual os negros de Bastiões são procedentes é de Antônia do Espírito Santo e a outra é Bribiana. Esta última teria dado origem à família Sá, há muito tempo desaparecida da localidade.

São muitas as construções do passado, mas nenhuma prescinde da origem negra da comunidade e das duas mulheres. Em grande parte tomo essa representação para definir esse grupo como tal. Por outro lado, essas construções revelam-me muitas informações, de acordo com Caldeira (1989), primeiramente a se considerar que a memória é um fenômeno construído socialmente, “quais são as várias formas de lembrar, como o conhecimento sobre o passado é organizado e controlado. Segundo, em relação ao conteúdo da memória, como diferentes versões do passado estão embutidas em relações sociais e como uma delas pode tornar-se dominante”¹².

Um aspecto também a se considerar é o contexto em que a memória se ancora, pois os narradores começam sempre por descrever as circunstâncias em que foram informados¹³, atribuindo, desse modo, características não autobiográficas às lembranças recordadas. Assim, diria que o contexto é a própria dinâmica cultural, uma vez que ela investe papéis e posturas a quem verdadeiramente deve narrar por meio da evocação de imagens. Tais posturas são elaboradas social-

¹⁰ POLLAK Michael, op. Cit. p. 202.

¹¹ BERTAUX apud POIRIER. “Nas fontes da História Imediata. Uma Maiêutica Social”. In: **Histórias de Vida. Teoria e Prática**. Oeiras: Celta Editora, 1995.

¹² CALDEIRA Apud BERNARDO, Terezinha. “Introdução”. In: **Memória em Branco e Negro**. Olhares sobre São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

¹³ BENJAMIM, Walter. “O Narrador”. In: **Magia, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

mente e são quase sempre reclamadas por Manoel Assis para justificar sua autoridade perante o grupo no exercício da “arte da memória” e da narração. É assim que faz Manoel Assis, quando informa também como essas recordações se formaram tradicionalmente e como tem se dado a sua transmissão ao longo da existência do grupo.

Aqui havia um negro velho, por nome Luciano. Esse negro era inteligente, sabia ler em demasia, era quem ensinava os outros. (...) Tanto conta como leitura ele sabia. Agora era entendido da cabeça dele. Lia, lia e aprendia e ensinava os outros. Era as escolas da gente. Não tinha escola não. Todo negro daqui sabia ler, mesmo que fosse um pouquinho, que assinasse o nome, mas sabia ler. Tudo ensinado por Luciano. Também da descendência das negras velhas, era filho das descendências das negras velhas.

E existia outro negro velho de nome Zé Sirino, muito sabido, mas não das leituras como Luciano. Existia outro por nome Antônio de Sena, nasceu-se e criou-se por aqui. Ele era daqui. E assim é o que eu conto à senhora. Agora não tem quem conte mais a história do que eu. Todos que contam a história para a senhora, não é história de nada, porque o mais velho sou eu e prestava atenção Zé Tomé. Prestava [atenção] a Joaquim Tomé que era irmão de Zé Tomé, a Chico Tomé, que era contador de história. E eu guardava na cabeça, e hoje estou contando como história de trancoso, não é história firmada não¹⁴.

TERRITÓRIO E LIBERDADE

Poder-se-ia dizer que os sujeitos constroem o seu território com base na organização de um *corpus* de representações em torno dos chamados descendentes das negras fundadoras, notadamente os Assis, a atribuir-lhes liderança na comunidade, via controle simbólico da terra e da capela; em relação a esta última, sobretudo no que se refere às finanças e à organização das celebrações de missas mensais na localidade. Isso envolve o acerto com o padre assistente da capela do que se deve realizar nas festas comemorativas dos santos e os eventos a serem promovidos para adquirir verbas para manutenção e possíveis reformas da capela.

A relação território/poder é bem explicitada por C. Raffestin (1993), no seu dizer que “a representa-

ção (do espaço¹⁵) compõe o cenário, tendo a organização como o espetáculo da tomada original do poder” (p. 141). Poder é entendido, aqui, como capacidade ou autoridade para operar uma representação. Embora os “de fora”, ou seja, as famílias Tavares e Magalhães, que se deslocaram para ocupar o mesmo espaço com as famílias originárias, possuam o controle material da terra, o mesmo não ocorre quando está em jogo um controle sobre a dimensão simbólica em que a terra se inscreve. São os membros das famílias negras que têm poder e autoridade para tal. Por esse motivo, através da exclusão, afirmam a quem é de direito formular significações em torno da terra.

Dessa forma, é relevante compreender o território a partir das relações de poder conformadas no interior do grupo, principalmente aquelas elaboradas com os “não-descendentes”, que lá se estabeleceram e passaram a disputar o controle da terra, por meio da compra, e a se destacar como liderança política através da Câmara de Vereadores do Município de Iracema. O discurso em torno da família Assis, dando destaque a Raimundo Assis, morto em 1970, tido como chefe do grupo, não só apresenta a tessitura dessas relações no presente como propõe uma *territorialização* que corrobora “um tipo de experiência subjetiva, baseada numa linguagem, num conhecimento, num tipo de vivência coletiva que constrói um ou vários tipos de poder¹⁶.”

Como inferi em trabalho monográfico (1999, inédito), parece existir entre os descendentes da fundadora principal, Antônia do Espírito Santo¹⁷, a mesma idéia que Neusa Maria Mendes Gusmão (1996) observou entre os negros de Campinho da Independência, isto é, a idéia de que “homens escravos, homens cativos não poderiam ter terras”. A autora privilegia o fato de que são as mulheres não escravas que têm direito à propriedade, marcando, desse modo, a participação central delas na origem desse grupo. Penso ser possível, partindo daí, propor outra interpretação. Aquela em que a “liberdade” é traduzida em termos de poder de troca e posse da terra (independe se são homens ou mulheres a terem esse direito). Assim, pode-se pensar que a insistente negação da escravidão, revelada através da capacidade de trocar, reflete a base sobre a qual a liberdade se manifesta, pois uma vez os indivíduos podendo dispor de si mes-

¹⁴ Entrevista realizada de Manoel Assis em 1996 e 1999.

¹⁵ Atente-se para o fato que Raffestin entende território diferentemente de espaço, aquele sendo o resultado do espaço. Ademais, o espaço é territorializado, a partir do momento em que os atores dele se apropriam de forma concreta ou abstratamente. Nesse sentido, território é um empreendimento de representações realizado pelos atores para quem este tem um significado.

¹⁶ LEITE. 1990, apud. CARVALHO. José Jorge de. *O Quilombo do Rio das Rãs*. Salvador: 1996.

¹⁷ Fundadora principal porque se reportam a esta mulher como tendo dado origem aos sujeitos que dizem ser originários dela e com ela mantêm um vínculo de procedência.

mos, poderiam dispor de algo: a terra, o que configura a liberdade legitimada na capacidade e no fato de poder possuí-la.

NARRAÇÃO E MEMÓRIA

Alguns membros da parentela negra seriam narradores quase anônimos, na acepção de Walter Benjamim (1985) se não fosse o destaque recebido de seus parentes de “contadores de histórias dos antigos”, pois a fonte a que eles recorrem é a dos negros que já não vivem mais, mas que deixaram um legado: o desejo de transmitir de boca em boca as suas experiências para as gerações mais novas, conquanto encontrem por parte destas uma certa resistência ou um certo despercebimento em aceitá-las como sendo suas essas histórias. Por isso, necessário é relativizar o conceito de memória coletiva, porquanto ela não se manifesta de forma homogênea e indiferenciada. Ela vai se transformando aos poucos, “com a anuência da coletividade, em uma especialidade ou particularidade dominada por poucas pessoas”¹⁸.

Essa particularidade é exercida por uns poucos membros da comunidade negra, destacando-se Maria Zilmar, Manoel Assis e Antônio de Conceição. Mas é Manoel Assis, negro afeito às lembranças, que possui proeminência para narrar. Além do mais, é apontado, pelos membros do grupo, como aquele que recorda excelentemente os acontecimentos. Por essa razão, convidei-o, em maio de 1996 e outubro de 1999, para uma entrevista. Logo se colocou à disposição, pois nada o interessava mais do que contar e fixar¹⁹ os fatos históricos do grupo. Quando ele falava em fixar os acontecimentos, estava se referindo ao desejo de sua família de ter sua história escrita. Por isso, foi grande a sua alegria ao lhe sugerir que me relatasse como seus antepassados chegaram naquele lugar. Na verdade, insistente era a pergunta (como que duvidasse de minhas pretensões) se eu estava realmente gravando o que ele me falava.

Em 1999, quando li para ele parte de sua narrativa, depois de trabalhar a transcrição, não encontrou incoerência nenhuma em relação àquilo que me havia narrado. Ele segue sempre um ritmo de conversação, relatando os mesmos acontecimentos como que lembrando de sentimentos, os mais profundos, que ora provocam lágrimas, ora trazem risos. Portanto, as entrevistas

realizadas em 1996 e 1999 me fornecem um quadro de recordações em que seus sentimentos, sonhos, desejos e aspirações são explicitados, por conseguinte, revelando-me aspectos importantes que dizem de sua autoimagem por apego e identificação a um grupo determinado. Isso permite-me, através de suas lembranças, compreender o universo social para entender a coletividade a que se filia: a comunidade negra.

O Narrador

Manoel Assis é razoavelmente alto. Ainda que os relatos de sua vida estejam marcados pela fome, principalmente nas secas, em nada demonstra debilidade física. À exceção da cegueira que contraiu em 1994, diz-se uma pessoa “com saúde”, sobretudo com boa memória. Ter “boa memória” garante, para o grupo, a veracidade de fatos narrados. Por essa razão, insistentemente ele enfatiza essa sua qualidade, o que também explica em parte a sua autoridade para narrar.

A fala de Manoel Assis é marcada pela reconstituição dos lugares por onde ele teria passado e pela insistência em relatar determinados fatos, denotando assim um significado elaborado não apenas por ele mesmo, mas por toda uma coletividade. Refiro-me principalmente ao evento da seca. A seca teria fundado muitas significações, notadamente do apego à terra, pois em tenra idade ele e seus irmãos ficaram órfãos e famintos. Não restando outra solução, tiveram que sair de Bastiões para “passar a fome nas casas dos brancos”. Aí conheceram toda “sorte de sofrimento”, como comer somente o “pregado de arroz ou de baião de dois”, “dormir no chão” e fazer esforços físicos extenuantes. Esses relatos demarcam o sentido dos lugares por onde teriam também passado muitos membros do grupo, uma vez que, como diz Halbwachs, 1990, “bastaria estabelecer que essa memória se apoiasse sobre a imagem de alguns lugares, aos quais ela se incorpora melhor, para que possamos supor que é a mesma coisa para todos os membros do grupo”.

Importa entender por narrador, de acordo com Benjamim, aquele indivíduo que possui a capacidade de passar a experiência de boca em boca, sendo as vivências próprias, ou as que foram experimentadas por tabela, a fonte à qual recorrem os que possuem essa faculdade. Assim, o que os narradores possuem é a capacidade de conservar lembranças importantes

¹⁸ ARRUTI, José Maurício Andion. “Por uma História à Contraluz. As sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o mocambo”. In: **Palmares em Revista**, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.

¹⁹ Constatei este fato em 1999, quando tive acesso a alguns escritos de Joaquim Assis, irmão mais velho de Manoel Assis. No tempo em que era zelador da capela, aquele anotava informações acerca da família e sobre outros momentos importantes, principalmente o nome dos filhos e data do nascimento, data em que foi construída a estrada Bastiões-Iracema. De acordo com Zilene, sua neta, ele expressou por várias vezes o desejo de ver a história do grupo escrita.

para marcar a sua identidade ou o sentimento de pertença a uma determinada coletividade. Ademais, é nos quadros sociais que se ancoram as lembranças, mesmo as mais estritamente pessoais. Foi essa a grande descoberta de Maurice Halbwachs (1990), quando atribuiu ao fenômeno da memória características sociais. Faz-se necessário reafirmar o papel do sujeito, pois ele participa efetivamente na seleção das recordações, possuidoras de relevância crucial para a permanência do grupo.

História e/ou Mito de Fundação

O que eu sei dos Bastiões é porque aqui tinha um velho Zé Tomé que contava. Então eu guardava na cabeça. Minha cabeça é pequena mas é cabecinha gravadeira. Ele me contava que em quatro²⁰ naquele século de Dom Pedro I houve uma seca. Aqui existia uma pessoa que vivia com seus filhos, chamado Sebastião. Tinha quatro filhos: Zé Bastião, Chico Bastião, Manoel Bastião e parece Antônio Bastião. E o velho fazia cinco. Não fala em mulher não. Entences na seca eles foram escapar lá junto com os parentes em Pernambuco. Lá em Pernambuco houve inverno. Entences chegaram lá e se aboletaram de lá junto com os parentes.

Aí tinha dois negras velhas, irmãs, eram da Bahia, entences elas perguntaram a eles se aqui no Ceará era fácil para arrumar um lugar para elas se colocarem, porque tinham vontade de vir para o Ceará que diziam lá na Bahia que no Ceará era muito bom. De seca era ruim, mas de inverno era bom. Elas tinham vontade de vir cimbora pra cá.

Aí eles foram e disseram a elas que aqui era muito bom, mas só que quando havia seca não tinha recursos, era preciso sair pra fora se não morria de fome. Elas foi e perguntaram a eles se era difícil deles arrumarem um lugarzinho para elas aqui. Aí eles foram e disseram se elas quisessem eles trocavam o terreno com elas pelo terrenozinho que elas tinham lá. Entences, elas mandaram os filhos, porque elas tinham rapaz, filho delas, não falo em marido não (parece que não tinha marido). Mandaram eles vim olhar o terreno junto com os filhos dos Bastiões.

Vieram de Pernambuco pra cá de pé, chegaram aqui, olharam, se agradaram muito do terreno, terreno de muita mata, só tinha uma casinha ali onde é aquele cruzeiro (que a senhora passou pra vim pra cá)

era a casinha deles era a única que existia, não tinha aquela igreja, nem a rua, não tinha nada, era mata.

Entences, os rapazes voltaram e disseram a elas que se agradaram muito do terreno, terreno de mata, de serra, muito bom de agricultura. Se agradaram bem. Elas foram e fizeram um negócio com eles, trocaram o terreno lá com eles e vieram. Eles fizeram um documento disso aqui, mas o documento é feito na monarquia... no tempo de D. Pedro I.

Quando houve inverno em seis, elas vieram tomar conta, aí chegaram, se aboletaram, se deram com o lugar, as duas negrinhas, chamavam-se, Maria Bribiana e Antônia do Espírito Santo. Eram duas irmãs. Todas as duas tinham família, aí ficaram aqui no terreno, e daí começou os Bastiões. Ficou os Bastiões das duas negrinhas. Agora, elas eram da Bahia. Elas não era de raça de cativo, não era de cativo não. Elas eram livres²¹.

Alguns negros velhos da localidade Bastiões, como Manoel Assis, enunciam a história dos seus ascendentes, dando destaque a duas mulheres negras que teriam fugido da Bahia²². Entendo que essas narrações possuem características históricas assim como características míticas, porquanto em dados momentos dão conta de acontecimentos, estabelecendo a relação dos negros com seu lugar de origem e noutros privilegiando fatos datados precisamente, marcando o início da convivência dos membros do grupo negro com populações brancas advindas de outros lugares. Nesse sentido e com as devidas dessemelhanças, aproximam-se das características temporais atribuídas às narrativas Waiãpi como "mito historicizado" ou "história mitificada" por Dominique Gallois (1993). É significativo reter o fato de os narradores identificarem os antepassados deles como transmissores das lembranças passadas e buscarem neles a autoridade para continuar como esse processo de transmissão oral, embora na atualidade essa prática se encontre difusa, sendo poucos os que se dedicam a contar e a escutar.

Contudo, há alguns repertórios narrativos de domínio mais público, notadamente as histórias que tratam do surgimento do branco no grupo. Essas histórias foram protagonizadas pelos narradores, a partir da década de 70. Por essa razão, nos discursos mais atuais identificam personagens, lugares e acontecimentos, atestando as transformações ocorridas no interior do grupo, principalmente no que tange às relações organizadas com os brancos, a partir de sua vinda para a localidade Bastiões,

²⁰ As datas a que Manoel Assis se reporta são imprecisas, mas é muito provável, dada a referência a Dom Pedro I, que digam respeito ao século XIX.

²¹ Entrevista realizada com Manoel Assis em 1996 e revista em 1999.

²² Percebe-se uma contradição nos discursos elaborados, pois num determinado momento falam que as mulheres eram livres e proprietárias, e em outros momentos da narração que estavam fugindo, significando serem escravas.

lugar, segundo os enunciadores, habitado imemorialmente pelos negros. De qualquer forma, esse acontecimento, a vinda do branco, é responsável pela gênese de novas sociabilidades, dentre estas os vínculos matrimoniais, o compadrio e a vizinhança.

Antigamente, os Assis que animavam as festas. Eles, de raça negra, viviam mais unidos antigamente. O Bastiões era nosso. **Os negros venderam a terra**, Raimundo Assis não deixava ninguém morar aqui, sempre os negros reclamam. Para mim, era melhor se vivesse só os negros.

Os Assis, os negros descendem daqui. Raimundo Assis era fogueteiro. Ele não vendia terra. Ele disse que quando morresse, os outros tomavam de conta daqui.²³

Ainda os enunciados de domínio mais restrito, ou seja, aqueles que vinculam o grupo ao lugar de origem, estabelecem as relações de parentesco através de pares de oposição. Assim, conta Manoel Assis que as negras deram nascimento a dois “ramos”: um composto pelas famílias negras, Assis, Jacob, Tomé e Rafael, e outro formado pela família Sá, sendo as primeiras descendentes de Antônia do Espírito Santo e o outro ramo procedente de Maria Bribiana. Alguns critérios diferenciam estas mulheres, como *negra trabaideira, que dorme pouco, e negra preguiçosa, que não gostava de trabaia muito*, denotando aos seus descendentes os mesmos qualificativos.

A família Assis²⁴ vem dessas negrinhas. De Antônia do Espírito Santo, a nossa família. E essa família Sá²⁵, que aqui tem duas famílias a família dos Assis e dos Sá. A família Sá era das famílias de Maria Bribiana e a famílias dos Assis é de Antônia do Espírito Santo. Dizem que eram uma negra muito trabaideira, agora a outra não era não, dizem que essa negra Antonia do Espírito Santo dormia pouco. É da nossa família. Você veja que esse negros daqui dos Bastiões, esses negros dos Assis tudo é trabaiaador que só o cão. Agora esses Sá é de Maria Bribiana e a família Assis é da Antonia do Espírito Santo. Aí começou a família delas a casarem por aqui, a inventarem família²⁶.

Com base nessa narrativa, poder-se-ia estabelecer trabalho e devoção como categorias que compõem a rede complexa de significados culturais, ordenando e sugerindo uma interpretação da constituição do grupo como comunidade negra. Trabalho e devoção seriam características encontradas somente na “mulher mítica”, fundadora da parentela negra. Além do mais, a dualidade criada em torno das “ascendentes negras – devota, não devota, “trabalhadeira”, preguiçosa, indicam pares de oposição que compõem os elementos *estruturais* dos mitos de origem estudados por Lévi-Stauss (1986).²⁷ O mito de origem da comunidade Bastiões comporta essa dualidade, atribuindo papel principal à ascendente negra que trocou a terra. Certamente esse acontecimento é a base sobre a qual se sustenta a representação da origem do grupo²⁸.

Ação Ritual Religiosa

Uma das preocupações dos estudiosos da memória parece ser como esta se mantém e se conserva no tempo. Dentre estes, destaco Paul Connerton (1993),²⁹ conquanto esteja preocupado com os processos de conservação e que pense nas narrativas contadas informalmente como “não só uma atividade básica para a nossa caracterização humana, mas também uma característica de toda a memória social”³⁰, irá buscar nas *cerimônias comemorativas* e nas *expressões corporais* o lugar onde se transmitem e se conservam as imagens e o conhecimento recordado. Essas lembranças garantem sua permanência, conforme ele, mais ou menos através de performances rituais.

Necessário é focar algumas diferenças estruturais, ou seja, “elementos de invariância”³¹ presentes na estrutura do *rito* que não estão no *mito*. Para Connerton, o mito, ao ser recitado, necessariamente, não encontra por parte da audiência uma adesão, o que não é verdadeiro para o ritual. Assim, “aquilo que a recitação de um mito não faz, e que a execução de um ritual faz essencialmente, é especificar a relação que prevalece entre os actores do ritual e aquilo que estes estão a executar”³².

²³ Depoimentos feitos em 1997, por ocasião do Censo demográfico realizado em Bastiões.

²⁴ Em alguns momentos, a família Assis toma o sentido de todos os negros, incluindo as outras famílias negras como Tomé, Rafael e Jacob.

²⁵ Os membros da família Sá viveram muito tempo em Bastiões, aos poucos foram saindo para outras localidades. O fato é que não existe nenhum indivíduo hoje por lá.

²⁶ Entrevista gravada em 1997 e revista em 1999.

²⁷ LEVI-STRAUSS. “Ordem e Desordem na Tradição Oral”. In: **Minhas Palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

²⁸ GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. “Memórias e Acontecimentos. Origem mitificada”. In: **Terra de Pretos, Terra de Mulheres**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1995.

²⁹ CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

³⁰ Op. Cit. p. 48.

³¹ Idem.

³² Idem.

No que se refere ao mito de origem do grupo negro Bastiões, entendo que há por parte de quem escuta, ou seja, a audiência, maior ou menor adesão, quando em diálogos informais passam a conferir sentido a essas histórias e a se reportar a elas para construir uma imagem de si em relação à *alteridade*. Significa dizer que os mitos e rituais podem assumir o mesmo grau de identificação desde que tenham sentido para aqueles que os narram. É esta justamente a diferença entre Connerton e Halbwachs. Se o primeiro observa que a análise de Halbwachs se furtava de uma compreensão da performance ritual no estudo da memória, Connerton, ele próprio, prescinde de uma discussão em torno da identificação dos sujeitos com esses lugares de memória, no sentido de Pierre Nora³³, ou seja, os mitos e os ritos. Podem os mitos e as performances rituais ter essas diferenças estruturais, mas em nada elas significam quando os sujeitos possuem a capacidade de manter sua identidade “sob a forma de uma fidelidade criadora em relação aos acontecimentos fundadores que os instauram no tempo”³⁴.

Mas, o seu entendimento acerca do ritual parte da definição sugerida por Lukes, ou seja, o termo ritual indica “a actividade orientada por normas, com carácter simbólico, que chama a atenção dos participantes para objetos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter um significado especial”³⁵. Tirando daí os devidos corolários, talvez seja interessante descrever alguns rituais religiosos recordados, ano após ano, pelos sujeitos aqui destacados: os novenários em devoção a Nossa Senhora do Carmo e a São Sebastião, por entender que estes conferem um sentido da vida daqueles que os celebram, pois, como revela Zilmar, em entrevista concedida em 1999, “a festa é o momento de comunhão das famílias”.

A Festa de Nossa Senhora do Carmo

A data em que se comemora a devoção a Nossa Senhora do Carmo tem destaque em relação às outras, isso porque ela também possui um mito de origem coeva do mito de fundação do lugar, marcando o seu surgimento no grupo. O evento que funda essa crença é protagonizado pelas negras fundadoras, Antônia do Espírito Santo e Maria Bribiana. Embora no ritual comemorativo não encontremos nada que

relembre esse fato, ele passou a ser um símbolo de identificação com os antepassados, uma manifestação cultural passada de geração a geração, pois é a rememoração dessa devoção através de *performances rituais* que reforçam a auto-imagem negra e a relação do grupo ao lugar de origem. Ao recordar o acontecimento originador da devoção a Nossa Senhora do Carmo, Manoel Assis lembra-se, também, do primeiro nome dado à terra que foi passada em herança aos descendentes das mulheres fundadoras, as famílias Tomé, Rafael, Assis e Jacob. Interessa dizer ainda que Manoel Assis não experimentou esses fatos narrados por ele, na verdade, ele os escutou dos mais velhos, como Zé Tomé que já não vive. Assim recorda Manoel Assis o que lhe foi contado por Zé Tomé:

Aqui havia os frades, ali no Saco dos Frades. Daqui a duas léguas. Eles eram de Pernambuco. Também eles foram para Pernambuco em quatro e cinco³⁶ escapar lá e deixaram aquela Santa³⁷ numa barraca de palha de coco. A casa deles não tinha telha, não, mesmo essa delas aqui [das negras] era de palha de coco, não tinha telha não. O que é certo é que foi em sete os frades vieram buscar a Santa e os baús de cobre que eles tinham deixado com as batinas, com as coisas de frade. Eles vieram buscar, mas vieram buscar na cabeça, quando chegaram, acharam a Santa no mesmo canto que eles deixaram.

Um caçador foi, colocou fogo na mata caçando, aí o fogo foi queimando a barraca, mas onde era os caibinhos em cima da Santa e a palha foi não queimou, não queimou nem nada.

Quando eles chegaram em sete a Santa estava no mesmo canto que eles deixaram e debaixo da empanadazinha de palha. Aí eles foram imaginaram que levar na cabeça e nas costas aqueles baús e aquela Santa, para Pernambuco, era difícil. Vieram aqui e falaram com as negras velhas para trocar a Santa com eles. Para eles não levarem, porque lá eles tinham outra da mesminha, no Pernambuco. Aí as negras velhas acertaram. Foram e trocaram a Santa com os frades por três cavalos quartal e trinta mil réis em dinheiro, pelos cavalos para levar os baús.

³³ NORA, Pierre. “Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. In: *Revistas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*. São Paulo: 1993.

³⁴ RICOEUR apud POUTIGNAT. “O Domínio da Etnicidade: as questões-chaves. In: *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

³⁵ LUKES apud CONNERTON. “Cerimônias Comemorativas”. In: *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.

³⁶ Quando narra faz referência a D. Pedro I, por essa razão presumo que seja século XIX.

³⁷ Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Bastiões. Para Manoel Assis nesse momento teria se iniciado a devoção a ela.

Aí Zé Tomé contava que os antigos deles contavam que quando elas trouxeram a Santa pra cá, foram buscar, trouxeram a Santa, fizeram um jirauzinho de pau e botaram ela. No outro dia não acharam mais a Santa, ela desapareceu daqui, aí disseram: roubaram a Santa.

Quando foi um dia um caçador andando lá na *barraquinha velha, caçando, viu a Santa lá. Agora essa história é de Trancoso, essa história que contavam, que eu ouvia e gravava. Elas foram, chegaram lá a Santa tava lá. Elas trouxeram e fizeram uma promessa a Santa que ela não largasse mais elas que elas faziam um nicho de tijolo, uma casinha de tijolo e butavam ela.*

Aí a Santa ficou com elas. Aí existia um nichozinho. O nicho era uma casinha, com uma salinha dessas [apontando para a sala onde estávamos]. Por isso se chama sítio do Nicho. O documento que houve fala do sítio do Nicho. Porque elas fizeram esse nichozinho e botaram a Santa e ficaram adorando, porque as negras velhas eram muito devota. Toda noite rezavam. Ficaram com a Santa adorando e rezando. Aí a Santa não deixou mais elas não. E os frades foram simhora, levaram os três cavalos quartau e os 30 mil reis em dinheiro que foi a troca da Santa.

O ritual propriamente dito se inicia quando um grupo de mulheres se aproxima do altar da capela e inicia o cântico de Nossa Senhora do Carmo. Rezam algumas orações (Pai Nosso e Ave Maria), cantam uma ladainha em latim. Terminam a novena cantando novamente um bendito de Nossa Senhora. A capela permanece durante nove dias enfeitada e iluminada. Cada santo recebe laços de fitas multicoloridos e a cada dia, durante o novenário, tocam uma alvorada com os tambores que dizem ter sempre acompanhado a festa e somente utilizados para isso.

O dia 15 de julho é a noite principal da festa. Neste dia, Bastiões fica repleta de devotos, tanto por aqueles das localidades circunvizinhas, como por aqueles que retornam de São Paulo, única e exclusivamente para participar do festejo. A festa parece não mudar muita coisa de um ano para outro. “Os noitários”, como chamam os moradores, são distribuídos entre nove famílias. Cada uma procura festejar da melhor forma, marcando sua animação e alegria através da “queima de fogos”. Depois da celebração da última noite da festa, realizam o leilão, congregando as pessoas mais abastadas, tanto do Distrito, quanto de fora, para arrematar as prendas que foram

doadas pelos fiéis. O objetivo do leilão é adquirir fundos, utilizados quase sempre nas reformas, quando assim é necessário, e limpeza da capela. O “beija pé da Santa”³⁸ é também uma forma de conseguir dinheiro dos devotos para a manutenção da capela.

No dia 16, acontece o encerramento do festejo, mas antes disso ocorrer, é celebrada uma missa, momento em que se realizam vários casamentos e batizados. É costume, e até muitas vezes promessa para alguns, deixar seus filhos para batizar no dia da “santa padroeira”. Terminada a celebração eucarística e os sacramentos, Nossa Senhora é retirada do altar e os devotos saem em procissão pelas ruas de Bastiões. Aos homens cabe levá-la nos ombros, as mulheres se encarregam dos cânticos e ladainha em latim. Três homens fazem o acompanhamento do cortejo com sanfona, zabumba e a caixa. Nossa Senhora segue em andor na frente, expondo sua nobreza através das jóias que ornaram seu pescoço e orelhas. Assim como procuram os devotos vestir roupa nova, do mesmo jeito procuram fazer com a santa, trocando suas flores e polindo sua coroa de ouro.

A Festa de São Sebastião

A festa de São Sebastião é outro evento ritual importante para a persistência do grupo. Esta tradição teria começado com membros do grupo de descendentes³⁹. Assim como existe uma história para o surgimento da crença à “santa protetora do lugar” o mesmo acontece com a crença a São Sebastião. Narra Maria Zilmar que Zé Tomé havia falado da existência apenas das novenas e que num tempo de seca, ele, Zé Tomé e Vicente saíram a procurar recursos no “mato” no intuito de conter a fome que sofriam em 1932. Zé Tomé foi acometido de fraqueza, não podendo caminhar. Impossibilitado de voltar à casa, fez uma promessa a São Sebastião, que, uma vez sendo atendido no pedido de proteção, logo que o tempo de privações passasse, mandaria celebrar uma missa em sua homenagem. Zé Tomé alcançou a graça e a partir daí os seus parentes tomaram para si essa devoção.

Pude participar em janeiro de 2000 dos festejos de São Sebastião, realizados de 11 a 20 desse mês. Na noite do dia 11, acontece a abertura do novenário na capela. Inicialmente fazem uma procissão em torno da mesma, cantando, batendo os tambores enquanto a bandeira com a gravura de Sebastião é conduzida por um dos participantes. As crianças e alguns adultos seguem

³⁸ O devotos seguem em fila aproximando-se dos pés da Santa, à medida que os beijam, depositam uma esmola ao seu lado. Essa é uma prática organizada em todas as festas religiosas realizadas na localidade, principalmente a de Nossa Senhora e a de São Sebastião.

³⁹ É comum atribuírem-se esse epíteto porque nutrem a crença de procederem da mesma negra que fundou o lugar.

o cortejo com velas acesas com papel branco envolto. Os participantes param em frente à capela e próximo ao cruzeiro. Lá a bandeira é retida do pau que a levava e é transposta para o mastro. O mastro é fincado no cruzeiro e lá permanecerá durante os nove dias, indicando que São Sebastião está sendo celebrado.

Terminado este momento, todos seguem para o interior da capela, dando em seguida a efetivação de um outro ritual. As mulheres conduzem alguns bancos para próximo do altar, sentam-se e dão início, propriamente dito, à novena. Esse grupo é formado basicamente de adolescentes. As rezas, quase todas cantadas, são intercaladas por orações e por expressões corporais do tipo: ajoelhar, levantar e cantar. Por força da tradição, o grupo que se formou perto do altar segue os cantos em latim organizados num caderno escrito a punho e a platéia responde em uníssono, produzindo os mesmos gestos. Essa mesma seqüência de atos é realizada durante nove dias.

Dia 20, o vigário da Paróquia de Iracema e assistente dessa capela celebra a missa, casamentos e batizados. É o ponto máximo da comemoração, motivo pelo qual aumenta o número dos que recebem sacramentos. Terminada a missa, os fiéis saem da capela em procissão pelas ruas de Bastiões, tambores à frente, imagem de São Sebastião em andor, bandeira branca flamejante, sino a soar. E assim finalizam o ritual em comemoração ao dia de São Sebastião, mártir romano com quem um dia Zé Tomé se identificou no sofrimento, como destacou Maria Zilmar, em entrevista na última visita realizada à comunidade.

A Capela

Tudo inspira festa, a começar pela arrumação da capela. Por volta do final da tarde, mulheres e crianças iniciam a limpeza, terminando somente quando ornar a última imagem de santo. Fitas e rosas artificiais dão um colorido vermelho e róseo ao ambiente. Dois relógios ordenam o tempo dos rituais. Lâmpadas incandescentes fazem a iluminação do altar central, feito de madeira, pois este recebe atenção especial. Lá estão os santos principais da devoção do grupo. Nossa Senhora do Carmo divide a parte superior do altar com São Sebastião e São Benedito. Este último deixou de ser comemorado pelo grupo, mas continua tendo lugar de destaque. O altar de celebração recebe toalhas limpas e flores naturais, estas sempre recolhidas por Maria Zilmar; costume, conforme ela própria, herdade de duas tias. O piso novo, feito de lajota, recebe cera para não diferir do brilho e do perfume es-

palhado por todo o recinto. Durante os nove dias de celebração, a capela permanecerá assim. Na verdade, muitas vezes a ornamentação permanece por mais alguns dias, mas é cuidada com esmero durante as festas religiosas.

A Dimensão Sagrada dos Tambores

Ouvir o ecoar dos tambores, ou seja, da caixa e do zabumba, significa que alguma festa religiosa o grupo está celebrando. Por essa razão, eles assumem destaque antes e depois das novenas e missas importantes. Seja na festa de São Sebastião, Nossa Senhora do Carmo, os homens improvisam batidas que se fazem acompanhadas do toque do sino. Um grupo de pessoas forma um círculo em volta dos homens que os toca. Quando não há procissão de santo, ficam ali mesmo, até que todos se dispersem. Assim, seguem esse ritual durante o período de comemoração de uma devoção, sendo a percussão somente usada para isso. Como os santos, são guardados na capela, expostos numa mesa. Dizem os moradores de Bastiões que eles são muito antigos e não têm idéia de quem os introduziu na comunidade. Mas afirmam, sem nenhuma dúvida, que sempre foram utilizados para alegrar as celebrações religiosas. Quando indagados se os tambores eram usados no *samba* realizado pelos seus antepassados, dizem que não, reforçando a característica sagrada dos instrumentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratei os eventos religiosos como *performances rituais*, aproximando-me da sugestão de Paul Connerton (1993)⁴⁰, ao cuidá-los como lugar onde se conserva a memória social e também por entender que as tradições religiosas não reivindicam apenas uma continuidade com o passado, mas comemoram uma tal continuidade. Nesse sentido, foi possível tratar as festas de Nossa Senhora de Carmo e de São Sebastião como representativas do vínculo que os membros da comunidade negra estabelecem com os seus antepassados negros. Com isso, não tenho pretensão, como aludi em passagem anterior desse escrito, em dar relevo a estas devoções como símbolos culturais fundamentadores da pertença social. Na verdade, elas são dinamizadores da cultura, devendo ser tomados como algo resultante e não como marcas subjacentes em uma população etnicamente diferenciada.

Também era pretensão minha focar a memória sob os aspectos da narrativa oral, com uma intenção

⁴⁰ Op. Cit.

explícita, qual seja: dizer que o “mito de origem” põe em movimento a fala, a voz, o corpo dos narradores. Assim sendo, a *performance* “implica competência (...) e que, para “além de um saber-fazer e de um saber dizer, (...) [ela] reivindica um saber-ser no tempo e no espaço”⁴¹. É provável que não nos queiram ensinar nada os moradores de Bastiões, mas nós, pretensos manipuladores do saber-ser do outro, talvez possamos fazer ilações e construir alguns corolários.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUTI, José Maurício Andion. “Por uma História à Contraluz. As sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o mocambo”. In: **Palmares em Revista**, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.
- BACHELARD, Gaston. “A Casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana”. In **Poética do Espaço**, São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BASTIDE, Roger. “Os Problemas da Memória Coletiva. In **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1960.
- BENJAMIM, Walter. “O Narrador”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BEZERRA, Analúcia Sulina. **Bastiões: uma Comunidade de Origem Negra**. Fortaleza: Departamento de Ciências Sociais (Digitado/inédito), 1999.
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em Preto e Branco**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- _____. “O Espaço Oral. In **A Letra e a Voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ELIADE, Mircea. “Simbolismo Indianos do Tempo e da Eternidade”. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERREIRA, Jerusa Pires. “Os Desafios da Voz Viva”. In **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. (Org.) Olga Rodrigues de Maraes von Simson, Campinas: UNICAMP, 1997.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. **Mairi Revisitada**. São Paulo: FAPESP, 1993.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Terras de Pretos, Terra de Mulheres**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.
- _____. “Da Antropologia e do Direito. Impasses da questão negra no campo”. In: **Palmares em Revista**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.
- _____. “Caminhos Traversos: Território e Cidadania Negra”. In: **Terra de Quilombo**. ABA, UFR: 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Ordem e Desordem na Tradição Oral”. In: **Minhas Palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LUCENA, Célia. “Tempo e Espaço nas Imagens das Lembranças”. In **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. (Org.) Olga Rodrigues de Maraes von Simson, Campinas: UNICAMP, 1997.
- MOURA, Glória. “A Força dos Tambores: a festa nos quilombos contemporâneos”. In: **Negras Imagens**. SCHWARCZ e REIS. (Orgs). São Paulo: EDUSP, 1996.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História. A problemática dos lugares”. In **Revistas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. São Paulo: 1993.
- O’DYWER, Eliane Catarino (Org.). **Terra de Quilombos**. CFCH/UFRJ, ABA, DECANIA Julho/1995.
- POIRIER, Jean et al. **Histórias de Vida. Teoria e Prática**. Oeiras: Celta Editora, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos históricos, vol 5, no. 10, 1992.
- _____. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 3, no. 3, 1989.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.
- RAFFESTIN, Claude. “O que é Território”. In: **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RATTS, Alesandro J. P. **Conceição dos Caetanos: Território Negro em Memória Coletiva**. Brasília: Palmares em Revista, nº. 1, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Leticia Vidor (organizadoras). **Negras Imagens**, São Paulo, EDUSP, 1996.
- WEBER, Max. “Relações Comunitárias Étnicas”. In **Economia e Sociedade**, Cap. IV, 3ª Ed., UNB, 1994.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. São Paulo: HUCITEC.

⁴¹ ZUMTHOR, Paul. “Um discurso Circunstancial”. In: **Introdução a Poesia Oral**. São Paulo: Hucitec-Educ, 1997.